Agentes de IA Jurídicos — o próximo passo além do "chat" e dos prompts

Sérgio Longo 26 de maio de 2026 4 min de leitura

Imagine abrir o computador segunda-feira, às 8h da manhã.

Em vez de quarenta intimações para triar, uma única tela. Três blocos: o que é urgente, o que pode esperar, e o que já foi resolvido enquanto você dormia.

Não é ficção. É 2026.

A maior parte dos advogados que se considera "atualizada" em inteligência artificial está, na verdade, parada em 2023.

Não é provocação. É diagnóstico.

A geração de ferramentas que dominou os escritórios entre 2023 e 2025 — ChatGPT, Gemini, Claude, NotebookLM — pertence a uma categoria muito específica: modelos de chat conduzidos por prompts. Você pergunta, o modelo responde. Você refina, ele refina. Cada interação começa e termina no mesmo lugar: a caixa de texto.

Em 2026, esse modelo deixou de ser fronteira. Virou piso.

A fronteira tem outro nome.

Agente.

Um chat responde. Um agente executa.

A diferença não é semântica.

Um agente recebe uma *meta*, não um prompt. Decide sozinho a sequência de passos. Usa ferramentas — navega na web, abre PDFs, consulta APIs, gera documentos, preenche formulários. Persiste por minutos ou horas. Verifica os próprios resultados. Refaz quando preciso.

Em termos práticos, isso significa uma coisa só: o advogado deixa de ser o operador de cada turno e passa a ser o *projetista do fluxo*. Define o objetivo. Os limites. As fontes autorizadas. Os pontos em que ele próprio entra em cena.

E delega o resto.

Como isso se manifesta hoje, no escritório de quem entendeu cedo:

Um *agente de monitoramento processual* que lê o diário oficial, identifica intimações relevantes, classifica por urgência e entrega um briefing diário sobre o que exige atenção naquela manhã.

Um *agente de pesquisa jurisprudencial* que, dada uma tese, percorre STF, STJ, TRFs e tribunais estaduais, monta tabela comparativa, sinaliza divergências regionais e entrega o relatório em duas horas.

Um *agente de due diligence* que processa cento e cinquenta contratos, identifica cláusulas de risco segundo critérios que você definiu, e produz o memorando.

Um *agente de triagem* que recebe a primeira mensagem do cliente potencial, conduz a conversa, coleta documentos e entrega o dossiê pronto para a primeira reunião.

Nenhum desses cenários é especulativo.

Todos já existem.

E é aqui que a história vira.

Porque agentes não respondem — agentes *agem*. Um chat que alucina, no máximo, desinforma. Um agente que alucina pode redigir uma peça com precedente inexistente, enviar documento ao destinatário errado, inserir informação sigilosa em um serviço terceiro.

A Resolução nº 615/2025 do CNJ, atualizada pela 674/2026, exige supervisão humana documentada. O PL 2338/2023 caminha para classificar usos por nível de risco. A LGPD, interpretada pela ANPD, é cada vez mais rigorosa com decisões automatizadas.

Tudo isso recai sobre o advogado.

Não sobre o desenvolvedor do agente. Não sobre a plataforma.

Sobre o advogado.

Há alguns meses, escrevi sobre o conceito de advogado-orquestrador: aquele que não apenas opera ferramentas de IA, mas desenha o fluxo entre elas.

Agentes são a próxima camada desse conceito.

E é uma camada que poucos vão atravessar com método.

A maioria vai continuar refinando prompts até descobrir, em 2027 ou 2028, que ficou em uma curva anterior da estrada. Outra parte vai pular para agentes sem governança, sem critério — e vai pagar caro pelos primeiros erros sérios.

Existe um terceiro caminho. Mais devagar no começo. Mais rápido depois.

É o caminho que tenho desenhado, escritório a escritório.

Em mais de duas décadas dentro da advocacia, vi muitos modelos de trabalho serem propostos como solução universal. Quase todos que falham é pela mesma razão: ignoram como bancas pequenas e médias realmente operam — onde o sócio faz de tudo, os advogados transitam por várias áreas, e nenhum fluxo de grande corporação se encaixa.

Faço mentorias personalizadas para escritórios em ambos os perfis: para quem está começando a usar IA com critério, e para quem já quer dar o passo seguinte — desenhar agentes.

Os dois pontos de partida são diferentes. A jornada é a mesma.
